



O CÂNTICO DE SALMOS NA IGREJA CRISTÃ ATÉ A REFORMA

Dario de Araujo Cardoso

Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e em Teologia e Exegese do Antigo Testamento pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ). Professor na Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e do Seminário Presbiteriano Reverendo José Manoel da Conceição.

E-mail: dario.cardoso@mackenzie.br

RESUMO

Em diversos períodos da história da Igreja cristã, o cântico de salmos ocupou lugar de destaque na vida e na liturgia. O presente artigo busca, a partir de sua origem judaica, identificar os caminhos que levaram à inserção do cântico de salmos na liturgia cristã, bem como, a partir da descrição do modo como ele era praticado pelos cristãos antes da Reforma Protestante, as razões que motivavam e estavam envolvidas em tal prática. O ponto de partida será o uso do Livro de Salmos no culto de Judá. Serão discutidas depois as hipóteses de como esse uso passou para a Igreja cristã, considerando o cântico doméstico como o meio mais provável dessa transferência. Por fim, será feita uma breve descrição dos principais momentos da prática de cantar salmos na história da liturgia cristã até a Reforma.

PALAVRAS-CHAVE

Salmos; Psalmodia; Igreja cristã; liturgia; história.

1. INTRODUÇÃO

A psalmodia ou o cântico de salmos sempre representou um papel importantíssimo na hinologia da Igreja cristã. Ela serviu de contexto histórico, teológico e litúrgico tanto para os grupos que a praticaram como para aqueles que optaram pela composição de seus hinos.

Por toda a história da Igreja vê-se o importante papel desempenhado pelo Livro de Salmos na vida dos crentes individualmente e da Igreja cristã como um todo. Dentre suas muitas utilizações destaca-se seu uso como fonte e inspiração para o cântico da Igreja.

Tal condição por si só justifica os estudos sobre os caminhos que levaram à inserção do cântico de salmos na liturgia cristã, bem como, a partir da descrição do modo como ele era praticado pelos cristãos antes da Reforma Protestante, sobre as razões que motivavam e estavam envolvidas em tal prática.

2. AS CARACTERÍSTICAS E O USO DO LIVRO DE SALMOS NO CONTEXTO JUDAICO

No decorrer da história, o Livro de Salmos tem sido o mais querido pela maioria dos cristãos. Ele tem sido usado como base para a devocional, como modelo de oração, como fonte de inspiração musical, como recurso para renovação de ânimos e de propósitos. Vários de seus versos são sabidos de cor e há quem conheça salmos inteiros.

Tudo isso se deve à sua linguagem pessoal e aos temas que são tratados, em muito semelhantes àqueles que as pessoas têm que tratar. Os salmistas são crentes enfrentando problemas, buscando a Deus e recebendo as suas bênçãos. Por isso, é grande a identificação com o Livro de Salmos. João Calvino (1999), na dedicatória a esse livro, afirmou que nele encontramos a anatomia de todas as partes da alma. Ou seja, todos os sentimentos, condições e situações que o homem pode passar estão descritos e representados no Livro de Salmos.

O termo saltério diz respeito a qualquer coletânea de salmos, por isso, tem sido comumente aplicado ao livro bíblico. O Livro de Salmos é uma coletânea constituída de 150 poemas escritos por crentes israelitas que viveram antes de Jesus Cristo. Alguns desses poemas trazem a descrição da ocasião de sua origem, mas, na maioria deles, tal informação é difícil e até impossível determinar. A maior parte deles, 73, é atribuída a Davi, mas também são identificados outros autores: Moisés (1), Salomão (2), Asafe (12), Hemã (1), Etã (1) e os filhos de

Coré (10). No entanto, questiona-se, entre outras coisas, se essas identificações são referentes somente à autoria ou se podem designar pessoas a quem o salmo foi dedicado (WALTKE, 1991). É possível que o livro tenha sido preparado em partes, mas sua composição final só ocorreu após o retorno de Judá do exílio na Babilônia (539 a. C.) por um organizador não identificado (HILL; WALTON, 2006) para ser utilizado no tempo reconstruído de Jerusalém, o Segundo Templo.

A palavra hebraica traduzida por salmos quer dizer “louvores”. Isso logo faz pensar nos hinos e nos cânticos que são usados no culto cristão, certamente eles estão incluídos nessa coleção. Mas uma leitura, mesmo superficial, verá que a maioria desses poemas é de orações cantadas. Há também testemunhos e ensinamentos sobre como se deve viver.

Dessa forma, no estudo dos salmos, o conceito de louvor deve ser um pouco expandido. Ele é o reconhecimento da glória, da soberania, da graça, do poder, da fidelidade etc. de Deus sobre toda a criação. Tal reconhecimento é dado quando se fala a respeito do ser e das obras de Deus (os hinos), mas também quando lhe são feitas súplicas ao enfrentar dificuldades ou pedidos de perdão (as lamentações), ao agradecer por livramento, perdão e bênçãos recebidos de Deus (cânticos de gratidão), ao buscar viver conforme a sua vontade (salmos didáticos).

É muito interessante reparar que os salmos são divididos em cinco livros. Uma forma de lembrar os cinco livros de Moisés, o Pentateuco ou, como os judeus os chamam, a *Torah*. A *Torah* era a “constituição” do povo de Israel. Não quer dizer apenas lei, mas instrução. É o ensinamento de Deus sobre como o israelita poderia viver e ser feliz sobre as bênçãos de Deus por meio da sua aliança.

Assim, aparentemente, os salmos foram reunidos para ser *Torah* do louvor. Neles há a instrução de como Deus deve ser louvado e como é possível oferecer-lhe louvor com plenitude, conforme o conceito reformado do princípio regulador do culto (MARRA, 1997).

É, portanto, no contexto judaico, um abrangente bem simbólico, formatado para estabelecer o *habitus* de um povo que firmava seus laços de aliança com Javé. Observa-se também que a origem conceitual desse bem é a revelação divina na *Torah*, de modo que o Livro de Salmos apresenta-se como expressão de uma atitude responsiva conforme propõe Costa (2009).

Ainda que haja discordância quanto à função original dos salmos, a maioria dos estudiosos concorda que “os salmos, no processo de ser colecionados e compilados, foram adaptados para propósitos litúrgicos – em particular, para cantar nos ritos sacrificiais realizados no templo” (STAPERT, 1998, p. 15).

Há diversas indicações de que os salmos foram compostos para serem cantados; no entanto, sua música e o seu modo de cantar não foram preservados. No texto bíblico canônico foram preservadas suas letras e umas breves indicações musicais genéricas, como o nome de melodias e a indicação de instrumentos a serem utilizados.

Em sua configuração final, observa-se que os salmos foram preparados para ser utilizados na liturgia do templo. Inicialmente esse propósito remonta à prática de Davi nas ocasiões festivas no Tabernáculo e em sua preparação da nova configuração das funções dos levitas após a construção do Templo em Jerusalém (1 Crônicas 6.31-48; 15.16-28). A prática do cântico de salmos no templo manteve-se basicamente fixa durante séculos até a definitiva destruição do templo em Jerusalém.

Tendo em mente os tempos de Jesus, McKinnon (1987, p. 92) faz a seguinte descrição:

Os salmos eram cantados naturalmente no grande templo de Jerusalém no tempo de Jesus; um salmo acompanhado por instrumento era entoado com muita cerimônia no clímax do culto diário do Templo quando os membros do cordeiro sacrificial era consumido pelo fogo.

Segundo o autor, a cerimônia no templo terminava com o canto de outro salmo (MCKINNON, 1986). Cada dia da semana tinha seu salmo apropriado e o Hallel (salmos 113-118) era cantado nas Luas Novas e nas Festas (BATE, 1980). Além da Páscoa, McKinnon (1986) aventa a possibilidade do Hallel também ser cantado no primeiro dia do Pentecostes, nos oito dias da Festa dos Tabernáculos e nos do *Hannukah*.

No templo, os salmos eram entoados por uma linha familiar da tribo de Levi que, segundo o Livro das Crônicas, fora designada por Davi para dedicar-se e preparar-se para esse mister. Eram, portanto, músicos profissionais (BATE, 1980).

Tratava-se de uma prática litúrgica altamente formalizada. Era executada durante ou depois do sacrifício estabelecendo uma íntima relação entre o sacrifício e a música (MCKINNON, 1986). Esse canto litúrgico elaborado dos salmos encerrou-se entre os judeus com a destruição do Templo de Jerusalém em 70 d. C.

O uso dos salmos na sinagoga tem despertado maior controvérsia. Bate (1980, p. 321-322) defende que

[...] na liturgia da sinagoga cerca de 50 salmos eram recitados a cada dia da semana nas reuniões da manhã, da tarde e da noite, com outros salmos adicionados nos Shabats e nos dias santos. Os salmos penitenciais e suplicatórios eram cantados em certos momentos, incluindo dias de jejum.

Segundo o autor, é desse uso sinagoga que procede a prática do cântico de salmos na Igreja cristã primitiva (BATE, 1980), sendo essa a concepção comum sobre o tema.

Por sua vez, McKinnon (1987) defende que tal prática é um desenvolvimento tardio e que os salmos não eram usados na sinagoga no tempo de Jesus. Primeiro porque afirma que a oração como parte da ordem litúrgica regular só seria estabelecida pela escola de Jabneh (75 a 117 d. C.) como um substituto para os cultos no Templo após a destruição desse pelos romanos. Stapert (1998) observa que em nenhum lugar do Novo Testamento lemos que alguém foi à sinagoga para orar. Invariavelmente é registrado que as pessoas oram no templo ou em casa. O único texto que parece contrariar essa afirmação é Mateus 6.5, que afirma que os fariseus oravam nas praças e nas sinagogas. No entanto, o tom de crítica de Jesus dá a entender que essa prática era excepcional e hipócrita, visando criar uma falsa imagem de espiritualidade. Stapert (1998) afirma também que a *Mishna* (c. 200 d. C.) e os Talmudes de Jerusalém (400 d. C.) e Babilônico (500 d. C.) não fazem menção a uso de salmos nessas orações. Somente no *Sopherim*, um tratado do século VIII, pode-se encontrar uma menção sobre a recitação diária dos salmos (STAPERT, 1998), ainda assim, isso é feito expressando escrúpulos por causa da sua íntima associação com o sacrifício no Templo (MCKINNON, 1987). Os salmos deveriam ser cantados no final da reunião, precedidos por uma clara referência à psalmodia do templo: “Este é o primeiro

[ou segundo etc.] dia da semana, no qual os levitas costumavam dizer...” (MCKINNON, 1986, p. 183). Mesmo em data tão tardia, era necessário justificar o cântico de salmos dissociado dos sacrifícios. Assim, McKinnon (1987) conclui que não havia o canto de salmos na sinagoga nos tempos de Jesus, e que essa não pode ser a origem do cântico de salmos na Igreja cristã.

3. AS ORIGENS DA PSALMODIA NA IGREJA CRISTÃ

Se é assim, de onde teria vindo a prática do cântico de salmos na Igreja cristã?

Stapert (1998, p. 18-19) sugere que os salmos eram tanto “música de igreja” quanto “música de casa” para os judeus. Eles eram parte importante da vida diária de judeus e dos primeiros cristãos. Entre os judeus, é provável que o cântico de salmos fizesse parte das reuniões familiares para a instrução religiosa dos filhos. Essa prática de unir o cântico ao ensino pode ser depreendida de 4 Macabeus 18.15, que “sugere que não era incomum em uma família devota o pai cantar salmos para os seus filhos em tais ocasiões. O cântico de salmos pode portanto ser considerado ter sido um acompanhante normal da vida religiosa da família na casa” (SMITH, 1984, p. 10).

Ainda que essa prática não possa ser identificada nas páginas do Antigo Testamento. Podem ser apontados diversos registros do cântico nas mais diferentes ocasiões da vida cotidiana de Israel. Essa prática se apresenta em tempos muito anteriores à institucionalização do cântico no templo de Israel. Podem-se citar inicialmente o cântico de Moisés e o cântico de Miriam (Ex. 15.1-21). Moisés também compôs um cântico registrado em Deuteronômio 32.1-43 e o salmo 90. O Livro de Samuel registra o cântico de Ana quando gerou seu filho (1Sm 2.1-10) e o Livro de Crônicas registra cânticos de Davi em diversas ocasiões. Tais referências servem para mostrar que as origens do cântico em Israel não estão relacionadas ao cântico no templo. Pelo contrário, tal uso é, na verdade, decorrente de uma tradição musical ainda não claramente descrita.

McKinnon (1987, p. 93-94) defende que a relação entre o cântico de salmos pelos cristãos e os costumes judaicos

deve ser feita por meio da refeição cerimonial judaica da Páscoa. Seguindo o relato dos evangelhos, “o hino cantado por Jesus e seus discípulos deveria ter sido o Hallel (Salmos 113-18), recitado por todos os judeus na Ordenança da Páscoa”. Ele observa que “uma refeição noturna comum era o principal local da psalmodia cristã nos primeiros três séculos da era cristã” (MCKINNON, 1987, p. 93-94). Assim ele conclui:

Refeições noturnas comuns [...] permaneceram um costume cristão de alguma importância por vários séculos, e o cântico de salmos e hinos, bíblicos e recentemente compostos, parece ter figurado proeminentemente nesses encontros (MCKINNON, 1987, p. 93-94).

A título de comprovação, McKinnon (1987, p. 94) cita alguns dos pais da Igreja. Segundo o autor, Tertuliano (morto em 215 d. C.), descrevendo essas refeições cristãs, escreveu no *Apologeticum* XXXIX. 16-18: “Depois de lavar as mãos e acender as lâmpadas, cada um é incentivado a vir para o meio e cantar a Deus, seja das sagradas escrituras ou de sua própria invenção”. Obviamente, cantar “das sagradas escrituras” tem como principal referência o uso dos salmos e outros hinos registrados na *Bíblia*, ainda que possa referir-se a qualquer texto bíblico. Por sua vez, ao citar Clemente de Alexandria (morto em 215 d. C.), preocupado em evitar os excessos musicais presentes nos banquetes pagãos, McKinnon (1987, p. 94) afirma que ele exorta em seu *Paedagogus* “a cantar salmos com moderação no ‘simpósio sóbrio’ dos cristãos”. A expressão “simpósio sóbrio” está em contraposição aos “banquetes pagãos” e implica, portanto, que a natureza da reunião dos cristãos estava ligada a uma refeição, de forma que recomenda que essa faça uso do cântico de salmos em vez de outras músicas. Observa-se aqui também o caráter não litúrgico dessas refeições, uma vez que era necessário indicar o cântico de salmos em vez do uso de outras músicas, algo que seria desnecessário no contexto litúrgico. Já Hippolytus de Roma (morto em c. 236 d. C.), segundo McKinnon (1987, p. 94), registra que no final da reunião “salmos eram cantados com o refrão Aleluia”, uma provável referência ao Hallel, grupo de salmos (113-118) que têm o refrão Aleluia. Por fim, McKinnon (1987, p. 95) cita Cipriano de Cartago (morto em 258 d. C.), que recomenda calorosamente o cântico de salmos:

Agora, como o sol está partindo em direção à noite, vamos gastar o que resta do dia em alegria e não permitir que a hora da refeição fique intocada pela graça celestial. Deixe um salmo ser ouvido no banquete sóbrio e, desde que sua memória esteja certa e sua voz agradável [*uox canora*], dedique-se à essa tarefa como é seu costume. Você nutrirá melhor seus amigos se providenciar um recital espiritual [*spiritualis auditio*] para nós e divirta nossos ouvidos com doces acordes religiosos [*religiosa mulcedo*].

Todas essas descrições se mostram concordes com a descrição de Plínio, o Jovem, em sua carta ao imperador Trajano (BETTENSON, 1967, p. 28-32), sobre o culto praticado pelos cristãos.

Foram unânimes em reconhecer que sua culpa se reduzia a apenas isso: em determinados dias, costumavam comer antes da alvorada e rezar responsivamente hinos a Cristo, como a um deus; obrigavam-se por juramento não a algum crime, mas à abstenção de roubos, rapinas, adultérios, perjúrios e sonegação de depósitos reclamados pelos donos. Concluído esse rito, costumavam distribuir e comer seu alimento.

Além do contexto da refeição comunitária, a relação entre a oração e o cântico deve ser especialmente notada. Ela indica que o jovem inquisidor viu nos relatos colhidos mais do que a exaltação de Cristo, os pedidos e súplicas bem característicos dos salmos. O fato de Plínio não citar os salmos não deve ser considerado indício de maior relevância, pois provindo de origem romana, não teria como identificar a descrição feita por aqueles que eram interrogados com o *corpus* específico do saltério judaico. A diferença do horário parece indicar que as reuniões podiam dar-se tanto pela manhã como pela noite, algo similar à prática cültica do Templo de Jerusalém e uma provável origem das Matinais e Vesperais da liturgia cristã.

A despeito da evidente presença do cântico de salmos na Igreja patrística, é interessante notar que a mais clara e mais completa descrição de culto cristão dominical, feita por Justino Martyr (morto em 165), nada diz acerca do cântico:

E no dia chamado para o sol há uma assembleia em um lugar para todos os que vivem nas cidades e no campo; e as memórias dos apóstolos e os escritos dos profetas são lidos tanto quanto o

tempo permita. Então, quando o leitor termina, o que preside fala, admoestando e exortando a imitar aqueles nobres feitos. Então nós todos levantamos juntos e oferecemos orações. E quando, como dissemos acima, nós terminamos as orações, pão é trazido, e vinho e água, e o que preside semelhantemente oferece orações e ações de graças, de acordo com sua habilidade, e o povo dá seu assentimento exclamando Amém. E ali se dá a distribuição a cada um e a partilha daquilo sobre o que se deu graças, e isso é levado aos que não estão presentes pelo diácono (STAPERT, 1998, p. 20).

Stapert (1998) observa o perigo de argumentar a partir do silêncio. No entanto, a descrição clara, direta e sequencial tem grande peso na análise desse texto. Mesmo assim, não se dispõe a afirmar que os salmos estariam totalmente ausentes na adoração cristã antiga. “Eles poderiam muito bem ter estado entre ‘os escritos dos Profetas’ que eram lidos...” (STAPERT, 1998, p. 20). Adiciona que seria difícil acreditar em tal ausência tendo em vista a atitude positiva ao cântico dada pelos apóstolos Paulo e Tiago em suas cartas. Admite, porém, que “a evidência não nos permite manter um quadro da adoração cristã antiga na qual o cântico de salmos era uma característica fixa e regular” (STAPERT, 1998, p. 20).

É preciso observar ainda que é muito difícil diferenciar as reuniões nos lares do culto na Igreja cristã antiga. No entanto, é suficiente considerar que essas citações indicam uma importante presença do cântico de salmos nos lares, em especial nas refeições vespertinas, ainda que tal cântico estivesse ausente dos cultos dominicais. Tal indicação contribui com a hipótese de ver o cântico de salmos como um instrumento de solidificação da fé dos cristãos. Um bem especificamente indicado para conferir às reuniões dos cristãos um ambiente sóbrio apropriado para o louvor de Deus e a comunhão fraternal.

4. O ENTUSIASMO PELA PSALMODIA A PARTIR DO SÉCULO IV

Além das profundas transformações vividas pela Igreja por conta de sua oficialização no Império Romano ocidental, pode-se identificar uma “grande onda de entusiasmo pelos salmos

do Antigo Testamento que varreu de leste a oeste na segunda metade do quarto século. Nada semelhante foi visto antes ou depois no cristianismo ou no judaísmo” (MCKINNON, 1987, p. 98). Por exemplo, Basílio (c. 330-379), Crisóstomo (349-407) e Ambrósio (340-397) defendiam

[...] que tudo o que é bom e verdadeiro em toda a Bíblia é melhor exemplificado no Livro de Salmos; eles especificaram como havia salmos individuais para falar a cada necessidade e condição humana; e explicavam com aprovação como a melódiosidade dos salmos tornou seus textos mais acessíveis ao fiel do que os outros textos bíblicos (MCKINNON, 1987, p. 98).

Basílio, num sermão sobre o salmo 1, disse:

Os profetas ensinam certas coisas, os Históricos e a Lei ensinam outras, e os Provérbios proveem ainda um diferente tipo de conselho, mas o Livro de Salmos abrange o benefício de todos eles. Ele proclama o que virá e eterniza a história; ele legisla para a vida, dá conselho em assuntos práticos e serve em geral como um repositório de bons ensinamentos, cuidadosamente expondo o que é adequado para cada indivíduo (WITVLIET, 2007, p. 3).

Nessa descrição de Basílio, o Livro de Salmos é apresentado como uma estrutura estruturante, um instrumento abrangente para a formação do *habitus* cristão que é capaz de oferecer aquilo que se encontra em todas as outras partes das Escrituras. No entanto, é interessante observar que Basílio, logo em seguida, demonstra que tal utilidade e diferencial dos salmos não se restringe à sua letra, mas ao fato de estarem associados à música. Ele escreve:

O que fez o Espírito Santo quando viu que a raça humana não era conduzida facilmente à virtude, e que, devido à nossa inclinação para o prazer, damos pouca atenção a uma vida reta? Ele misturou a doçura da melodia com a doutrina de modo que inadvertidamente nós pudéssemos absorver o benefício das palavras através da gentileza e facilidade de ouvir [...]. Assim ele criou para nós essas harmoniosas melodias dos salmos, de forma que aqueles que são crianças na sua idade, bem como aqueles que são jovens em comportamento, ainda que aparecendo apenas para cantar pudessem ser treinados em suas almas. Pois

nenhuma dessas pessoas indiferentes jamais deixa a igreja retendo facilmente na memória alguma máxima dos apóstolos ou dos profetas, mas elas cantam os textos dos Salmos em casa e circulam com eles no mercado (WITVLIET, 2007, p. 3-4).

O entusiasmo para com o cântico de salmos é evidente. Schaff (2002) registra que, para Crisóstomo, o cântico dos salmos de Davi era o começo, o meio e o fim das assembleias dos cristãos, em oposição às predileções heréticas que preferiam cantar canções não inspiradas. Discorrendo sobre o salmo 61,1-2, Crisóstomo disse:

Desde que esse tipo de prazer é natural a nossa alma, e para que os demônios não introduzam cânticos licenciosos e perturbem tudo, Deus erigiu a barreira dos salmos, de forma que eles pudessem ser uma questão de prazer e proveito. Pois a partir de músicas estranhas, dano e destruição entram juntamente com uma coisa temível, pois o que é arbitrário e contrário à lei nessas canções instala-se nas várias partes da alma, tornando-a fraca e flexível. Mas dos salmos espirituais pode vir considerável prazer, muito do que é útil, muito do que é santo, e o fundamento de toda filosofia, enquanto esses textos limpam a alma e o Espírito Santo paira suavemente sobre a alma que canta tais canções (WITVLIET, 2007, p. 6).

Nesse mesmo comentário, Crisóstomo procura ressaltar o valor do cântico de salmos nas refeições domésticas, retomando o contexto anterior dos primeiros séculos da Igreja e descrevendo essa prática com um eficiente instrumento de instrução familiar. Continua Crisóstomo:

Eu digo essas coisas, não para que você sozinho cante louvores, mas para que você ensine seus filhos e esposa também a cantar tais canções, não somente enquanto costumam ou enquanto engajados em outras tarefas, mas especialmente à mesa. Pois uma vez que o demônio geralmente se coloca à espreita nos banquetes, tendo com seus aliados a bebedeira e a glotonaria, junto com o riso desordenado e um espírito licencioso, é necessário especialmente então, antes e depois da refeição, construir uma defesa contra ele com os salmos, e levantar do banquete junto com esposa e filhos para cantar hinos sacros a Deus (WITVLIET, 2007, p. 6).

Uma amiga de Jerônimo chamada Paula escreveu:

[...] fora dos salmos há silêncio. Onde quer que você vire, o lavrador canta Aleluia enquanto dirige seu arado; ceifador suado encanta-se com Salmos e o vinhateiro canta algo de “David” enquanto ele poda a vinha com sua foice (CABANISS, 1985, p. 195).

É notável como todas essas referências tratam do cântico de salmos no contexto cotidiano. O que ressalta não é o valor litúrgico, mas sua presença em todos os momentos da vida e, em decorrência disso, seu impacto purificador e protetor contra a desordem e a licenciosidade. Como estrutura estruturante, o cântico de salmos promovia seus efeitos a partir simplesmente de sua prática, sem a necessidade de orientadores ou mediação.

Talvez por isso, algumas décadas depois, Agostinho não deixe de reconhecer a utilidade do cântico de salmos para a edificação, ainda que tenha tratado com tanto cuidado a questão musical na igreja. Em suas *Confissões*, Agostinho expressa “sua angústia sobre o intenso prazer que experimentou ao ouvir a psalmodia milanesa” promovida por Ambrósio (MCKINNON, 1987, p. 99).

No capítulo em que descreve as tentações do ouvido, Agostinho (1997, p. 307-308) escreve

Os prazeres do ouvido me prendem e escravizam com mais tenacidade, mas tu me soltaste e me livraste deles. Ainda agora encontro algum descanso nos cânticos vivificados pelas tuas palavras, quando entoados com suavidades e arte, sem porém permanecer preso, a ponto de não me desvencilhar quando quero. É verdade que essas melodias exigem não pequeno lugar em meu coração, e querem ser aí admitidas em companhia dos pensamentos que as vivificam, e eu me esforço para conceder-lhes apenas o que lhes convém. Às vezes, parece-me tributar-lhes atenção excessiva; mas, por outro lado, sinto que, se aquelas palavras são cantadas assim, nossas almas são impelidas a um fervor de piedade mais devoto e mais ardente. Sinto que todos os nossos afetos interiores encontram na voz e no canto um modo próprio de expressão, uma como misteriosa e excitante correspondência. No entanto, muitas vezes me seduzem; os prazeres da carne, aos quais não se deve permitir que enfraqueçam o espírito; os sentidos não acompanham a razão, aceitando

posição subalterna: tendo sido aceitos apenas para servir a ela, procuram precedê-la e guiá-la. Deste modo, peço sem consentimento; mais tarde, porém, a reflexão me adverte.

Agostinho registra que os cânticos vivificados pelas palavras de Deus – ou seja, que utilizavam o texto canônico – lhe concediam descanso. No entanto, as melodias tendiam a fazê-lo afastar-se desses pensamentos, chamando atenção excessiva, ao mesmo tempo que despertavam “um fervor de piedade mais devoto e mais ardente” (AGOSTINHO, 1997, p. 308). Quando os sentidos não acompanhavam a razão e não a serviam, Agostinho entendia que havia pecado.

Mesmo assim, Agostinho rejeita a posição severa de retirar da Igreja o cântico e preconiza a prática de Atanásio que lia os salmos com pequena modulação de voz. No entanto, não pode deixar de reconhecer o impacto que os cânticos tiveram em sua conversão.

Outras vezes, pelo contrário (mas muito raramente), exagerando em precaver-me desse perigo, peço por excessiva severidade, a ponto de querer privar meus ouvidos, e conseqüentemente os de toda a igreja, das suaves melodias usadas para acompanhar o Saltério de Davi. Nessas ocasiões, me parece mais seguro seguir o costume de Atanásio, bispo de Alexandria: segundo ouvi dizer, ele fazia ler os salmos com modulação de voz tão discreta, que mais parecia uma recitação que um canto. Todavia, quando me lembro das lágrimas derramadas ao ouvir os cânticos de tua igreja nos primórdios de minha conversão à fé, e ao sentir-me agora atraído, não tanto pela música como pela letra dessas melodias, cantadas em voz límpida e modulação apropriada, reconheço de novo a grande utilidade deste costume. Assim, oscilo entre o perigo do prazer e a constatação de seus efeitos salutares. Portanto, mesmo não querendo exprimir um julgamento definitivo, inclino-me a aprovar o costume de cantar na igreja, para que os espíritos mais fracos possam, através do prazer dos ouvidos, elevar-se na devoção (AGOSTINHO, 1997, p. 308-309).

Com isso, vê-se que Agostinho reconhecia não somente o valor teológico conferido pela letra dos salmos, mas também

o benefício espiritual, ainda que acompanhado de risco, advindo do costume de cantar os salmos, especialmente para firmar os espíritos mais fracos, sendo um instrumento para a solidificação da fé.

McKinnon (1987, p. 99) registra que tal movimento promoveu uma grande quantidade de homilias ou sermões baseados nos salmos, de modo que foram preservadas coleções dessas homilias das principais figuras da Igreja daquele período que cobrem todo o saltério. Tais homilias eram baseadas em um único salmo ou muitas das vezes num único versículo que era pregado a partir da interpretação alegórica. É interessante observar que há registro da prática de pregar “no verso refrão do salmo do salmo que a congregação tinha cantado anteriormente no culto em resposta ao cantor ou leitor cantante do salmo” (MCKINNON, 1987, p. 99). Como comprovação de sua hipótese, McKinnon (1987, p. 99-100) apresenta a seguinte observação em que inclui um trecho do comentário de Crisóstomo ao Salmo 117.1:

Uma melhor construção deste quadro deve ser a partir de uma composição de literalmente dúzias de registros existentes, mas vários dos elementos essenciais estão presente em uma única passagem de Crisostomo: “A parte do salmo que as pessoas estão acostumadas a cantar em resposta é o seguinte: “Este é o dia que o Senhor fez, vamos nos alegrarmo-nos nele e ser feliz” (Sl 117.24). Ela desperta a muitos, e as pessoas são especialmente acostumadas a responder com ele naquela assembleia espiritual e celestial banquete. Nós, no entanto, se quiseres, devemos prosseguir o salmo inteiro desde o começo, não do verso do responso, fazendo nosso comentário desde a introdução”. Observa-se que o salmo 117 era cantado responsorialmente e que a resposta congregacional era o verso 24.

Nesse caso, Crisóstomo faz a opção de pregar sobre o salmo todo, mas deixa claro que a prática corrente era a pregação baseada no refrão cantado no responso.

Tais referências são importantes para demonstrar que, mesmo dentro do processo de institucionalização litúrgica do cântico de salmos, processo que o afastava de sua origem devocional nas refeições comunitárias, os principais personagens

da Igreja procuravam, por meio da pregação, promover o valor dos salmos para a edificação, demonstrando, assim, sua qualidade como bem simbólico e como útil promotor do *habitus* cristão.

5. A CONTROVÉRSIA ENTRE O CÂNTICO DE SALMOS E O CÂNTICO DE HINOS

A partir do século IV, também se observam registros de uma relevante controvérsia entre a psalmodia e a hinologia. O Concílio de Laodiceia (meados do século IV) proibiu, em seu artigo 59, o cântico de canções não inspiradas ou privadas na liturgia. O Concílio de Calcedônia (451) e Concílio de Braga (c. 560) confirmaram essa decisão (SCHAFF, 2002).

Por sua vez, em 633, o Concílio de Toledo, no cânone 17, “rejeitou a posição de que era ilegal cantar hinos compostos por seres humanos simplesmente porque eles não eram tomados das Escrituras ou autorizadas por longa tradição” (CABANISS, 1985, p. 205).

A controvérsia, no entanto, perdurou por vários séculos. No século IX, Agobard (794-840), bispo rigorista de Lyon, declarou: “A Majestade Divina não deveria ser louvada pelas fantasias de ninguém, mas pelas prescrições do Espírito Santo” (CABANISS, 1985, p. 205). Tal declaração, a despeito de não ter prevalecido na Igreja, tem sido reiterada por muitos indivíduos desde então, e, por exemplo, é notadamente similar àquela adotada pela Confissão de Fé de Westminster (1647) em seu artigo XXI.1:

o modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por ele mesmo, e é tão limitado pela sua própria vontade revelada, que ele não pode ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens, ou sugestões de Satanás, nem sob qualquer representação visível, ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras (MARRA, 1997, p. 110).

Tal postura adotada pelas Igrejas reformadas tem como base a constatação de Calvino (1995, p. 201) de que “os

homens não atentam ao que Deus ordenou e ao que ele aprova, para poder servi-lo de modo apropriado, mas dão a si mesmos o direito de inventar modos de culto, e depois os impõem a ele como substitutos à obediência”.

Desse modo, vê-se que paira na história do pensamento litúrgico a percepção, ainda que não prevalecente, de que os salmos são os instrumentos mais adequados para ser empregados na adoração cristã. No entanto, após o século VII, a Igreja, de modo geral, se mostrou disposta a admitir o cântico de hinos não baseados nos trechos das Escrituras, recuperando a prática comum do início da Igreja cristã e preservada na Igreja oriental.

Sobre essa discussão, é importante registrar algumas das conclusões de CABANISS (1985, p. 206):

1. Psalmódia, prosa e verso, tem sido a característica da oração e do louvor desde início do cristianismo, sem particular consideração a partidos na igreja.
2. Psalmódia nunca foi utilizada para a exclusão dos hinos, exceto temporariamente, entre pequenos grupos, e nestes casos, os hinos tenderam a rastejar de volta com paráfrases de passagens do Novo Testamento.
3. Psalmódia métrica nunca foi produzida para substituir os salmos prosa.
4. salmos e hinos métricos tendem a fundir-se quase imperceptivelmente em dois tipos de situações, quando aos salmos são dadas colorações distintivamente cristãs e quando os textos bíblicos que não salmos são admitidos.
5. Ninguém que crê na inspiração das Escrituras poderia atribuir esse tipo de inspiração para um livro de salmos métricos mais do que poderia para um hinário.

Aparentemente, Cabaniss quer defender mais do que as informações históricas permitem, pelo menos no que diz respeito ao Ocidente. Deve-se observar, como será visto adiante, que a psalmodia em verso encontrou significativa resistência em toda a história da Igreja cristã até a Reforma Protestante. Por isso, mesmo aqueles que a praticavam, mantiveram seu caráter secundário ante a prosa e a reserva quanto à atribuição de caráter inspiracional dessas composições. Deve-se observar também que, embora a hinologia fosse proeminente no Oriente, no Ocidente a psalmodia manteve hegemonia até o século VII.

6. O MODO DE CANTAR OS SALMOS NA IGREJA CRISTÃ MEDIEVAL

O texto dos salmos cantado no Ocidente inicialmente era o da versão *Vetus Itala*. Dessa versão somente alguns fragmentos sobrevivem, especialmente nos cantos gregorianos (BATE, 1980, p. 320). Por volta do século IV, a tradução de Jerônimo era amplamente aceita no Ocidente, a qual, por causa de sua rápida penetração na Gália, ficou conhecida como Saltério Galicano. Porém

[...] até a Idade Média tardia a igreja da Itália continuou a usar um saltério do antigo modelo (talvez a primeira tradução de Jerônimo, uma revisão muito apressada da Velha Latina [*Vetus Itala*]), que veio a ser chamado Saltério Romano (BATE, 1980, p. 323).

Nesse período, os salmos eram cantados em prosa, e Cabaniss (1985) descreve os modos como podiam ser entoados: um solista cantava uma intrincada melodia enquanto outros se juntam a ele numa parte coral simples nos intervalos; um coral poderia ser treinado para cantar a prosa em elaborados padrões musicais; uma pessoa com inclinação musical poderia improvisar; ou uma fala extática, exaltada ou elevada podia estar relacionada com a improvisação individual. Tais usos atualmente podem ser vistos no canto gregoriano, no canto anglicano e na música negra dos Estados Unidos.

McKinnon (1987) registra a controvérsia entre Agostinho e um certo cidadão cartaginense chamado Hilário, que atacava o costume de cantar salmos antes da oblação e durante a distribuição da eucaristia. Essa parece ter sido a origem do cântico de trechos de salmo na parte da missa chamada gradual.

Nos ritos cristãos, os salmos eram utilizados de formas diferentes.

Nas igrejas orientais os salmos raramente são cantados inteiros: eles são mudados e associados com poesia não bíblica, versos de outras partes da Bíblia e assim por diante. As igrejas ocidentais, por sua vez, geralmente deixam o texto dos salmos intacto quando salmos completos são cantados; ou, como na missa, uns poucos versos de um salmo são cantados como parte de um cântico antifônico ou responsorial (BATE, 1980, p. 322).

Bate (1980) afirma que não é possível descrever a psalmodia judaica no período medieval porque não há fontes disponíveis. Os dados sobre psalmodia na Igreja oriental são igualmente tardios, visto que os músicos bizantinos se dedicaram largamente à composição de hinos.

Em razão da falta de partituras ou notações musicais sobreviventes, antes do ano 800 d. C., há muita dificuldade em descrever a história do cântico de salmos antes do século IX. Os dados desse período vêm de esparsos registros históricos literários. Ainda assim é interessante notar que a mais antiga partitura existente, excluindo-se as poucas relíquias da Antiguidade, foi feita para a psalmodia (BATE, 1980).

Acerca do uso dos salmos, Bate (1980) afirma que em seu primeiro estágio a liturgia era grandemente improvisada, variando os textos para a leitura e para a psalmodia. Ela era guiada pela tradição local, tendo em vista que a autoridade hierárquica ainda não tinha tomado para si a autoridade de regular a adoração. Isso deu margem a várias tradições litúrgicas denominadas ritos. A principal maneira em que o cântico de salmos era utilizado era a *sinaxis*, na qual o cântico se intercala com as leituras. E ao que parece, a “essa associação do salmo com a lição foi talvez uma invenção cristã, pois ela não é encontrada na sinagoga antes do oitavo século”.

Agostinho registra que a psalmodia em sua época era responsorial e que sua melodia não era florida porque “a resposta era cantada pela congregação e não por um coro treinado” (BATE, 1980, p. 322-323).

Sob Gregório, o grande (590-604 d. C.), a liturgia ocidental passou por um processo de fixação cujo resultado perdurou, com poucas alterações, até o início da Idade Moderna (BATE, 1980). A transformação do cristianismo em religião estatal no Ocidente transformou o bispo numa figura tanto cívica quanto religiosa. A mistura entre o aspecto cívico e o aspecto religioso da adoração gerou um novo tipo de psalmodia. O bispo era saudado com música em sua entrada para celebrar a Eucaristia.

A psalmodia antifônica deste rito de entrada tornou-se a *antiphona ad introitum* das antigas fontes manuscritas – o posterior intróito – e a psalmodia antifônica se desenvolveu em torno de outras procissões da Eucaristia tais como o ofertório e a comunhão (BATE, 1980, p. 323).

Com o decorrer do tempo, a comunhão e o ofertório perderam os seus versos e somente o introito manteve seu caráter antifônico, ainda que, por vezes, reduzido a um versículo de um salmo, uma doxologia e um verso adicional para repetição (BATE, 1980). Nesse contexto, os propósitos litúrgicos foram sobrepostos aos propósitos didáticos e praticamente os anularam. Assim, o bem simbólico é a liturgia, e não mais o cântico de salmos.

O estabelecimento do Sacro Império Romano deu ênfase à posição central do papado e

[...] o padrão da missa romana tornou-se virtualmente o modelo da Europa [...] Do ponto de vista musical, o “Próprio” da missa, escolhido para celebrar as festas eclesiais ou dias santificados consistia no Intróito – uma antifona, salmo que veio a ser representado por um único verso, o *Gloria Patris* e uma repetição da antifona – o Gradual, uma antifona e o verso de salmo cantado entre a Epístola e o Evangelho, o Ofertório, uma antifona cantada enquanto o pão e o vinho eram preparados para consagração, e a Comunhão, cantada à medida que o celebrante (e talvez o público) recebia os elementos consagrados (RAYNOR, 1972, p. 27-28).

No período final da Idade Média, o cântico de salmos completos se tornou característica dos Ofícios, como as vesperais que incluíam a recitação de cinco salmos, de certas cerimônias e procissões.

Na Missa, entretanto, a expansão da liturgia através da Idade Média e a crescente elaboração de antifonas e materiais responsórios levaram a um rápido encurtamento dos salmos originais, de forma que eventualmente o intróito, o gradual e outras partes do Próprio raramente continham mais do que um único versículo do salmo (BATE, 1980, p. 332).

O texto usado era

[...] a “prosa poética” da tradução Vulgata da Bíblia, cada salmo sendo cantado em uma das oito fórmulas melódicas (‘tons’) que poderiam ser facilmente adaptadas a versos sucessivos de diferentes extensões (BATE, 1980, p. 332).

Fonte mais profícua da psalmodia na Igreja cristã foi o movimento monástico. O cântico de salmos foi institucionalizado

no Ocidente pela *Regula Magistri* (c. 540), a precursora da Regra de São Bento. Nela, a psalmodia foi uniformizada e sistematizada na vida monástica. Matinais, vesperais e outros momentos fixos no dia foram dedicados à oração por meio do cântico de salmos. O monge beneditino empregaria pelo menos quatro horas no dia para esse fim. Nos séculos seguintes, esse tempo foi aumentado consideravelmente, chegando a oito horas no *horarium* proposto por Lanfranc. “O ideal monástico buscava pelo cântico do saltério inteiro a cada semana, e era também estabelecido em igrejas seculares, onde corpos de clérigos (cânones etc.) performavam a *opus Dei*” (BATE, 1980, p. 323). Cabaniss (1985, p. 196) confirma esse dado quando registra que

A *Regra* de Benedito de Nursia (morto ca. 550), base de todas as regras monásticas posteriores, demonstra o lugar proeminente dos salmos na adoração cristã. Ela promove o cântico de todo o saltério, distribuído em oito ofícios, no curso de uma semana.

No aspecto musical pouco se pode dizer antes do período de formalização musical que pode ser identificado, a partir do século IX, nas partituras e notações musicais desse período em diante que foram preservadas. Essa formalização promovida durante o período carolíngio completou-se no século XI e forneceu livros litúrgicos para a Missa e para os Ofícios. Escritos de teóricos que discutiam o modo de cantar os salmos e listas conhecidas como tonários “que dividiam os cânticos de acordo com o modo e especificava o fim (*differentia*) de um salmo a ser usado com determinada antifona” (BATE, 1980, p. 323). Essas listas apresentam grande complexidade e variedade, mas são essencialmente monofônicas e têm sua mais conhecida expressão no denominado canto gregoriano.

7. O USO DA METRIFICAÇÃO

Cabaniss (1985) descreve que na história musical da Igreja cristã conviveram lado a lado o cântico de salmos em prosa e o cântico de hinos em versos métricos. Segundo ele,

deve ser visto na junção dessas duas tradições o pano de fundo que deu origem à produção de salmos metrificados para o cântico congregacional na Reforma (CABANISS, 1985). A despeito do grande valor espiritual atribuído ao cântico de salmos, a dificuldade para memorização do texto, aliada à baixa capacidade de leitura dos monges, dos irmãos leigos e do povo que frequentava os cultos, deu grande impulso para o crescimento da hinologia métrica e promoveu os primeiros passos no esforço de colocar os salmos em versos. Cabaniss (1985, p. 196-197) descreve o ponto da seguinte forma:

Uma das razões por trás do surgimento dos hinos métricos foi o fato de que ele facilitou a memorização. Na última parte do século VII e início VIII, clérigos instruídos estavam tentando sua habilidade em transformar salmos e outros cânticos em versos medidos, aparentemente com este fim em mente. O Venerável Bede (m. 735) preparou um saltério “em versos suaves” salmo por salmo, embora desde que Alcuin o descreveu como um pequeno livro, ele pode não ter contido todos os salmos.

Ainda segundo Cabaniss (1985, p. 197), no entanto, tal disposição ainda era bastante restrita, provavelmente por causa da compreensão de que o texto sagrado não deveria sofrer tal adulteração profana, a despeito da intenção louvável: “A devoção do salmo em prosa era, de fato, muito intensa”.

Somente no século IX é que esse impasse pôde ser superado com o surgimento da *sequência*, uma nova forma de verso rítmico acentuado baseada no termo *Hallelujah*. Ela introduziu a rima na hinologia ocidental e gerou um fluxo de psalmodia métrica (CABANISS, 1985).

Esse uso medieval nunca pretendeu substituir o saltério em prosa, era apenas considerado uma imitação piedosa em que as frases dos salmos eram incorporadas somente à medida que a métrica permitia. Na maioria das vezes, havia apenas o esforço de incluir algum termo que permitisse a identificação com o salmo em prosa (CABANISS, 1985). Cabaniss (1985, p. 198) apresenta esse exemplo em que as palavras em itálico são retiradas da vulgata:

Dominus regit saeculum
Virgam tenens et baculum
In loco suae pascuae
Mensam parat et pabulum
Pretiosum que *poculum*
Pro ovibus curae suae

O senhor é o regente do mundo
Segurando vara e cajado
Em um lugar do seu pasto
Ele prepara mesa e comida
e uma taça sem preço
para a ovelha do seu cuidado

Muitos desses salmos métricos eram cristianizados por meio de dirigir cada estrofe a Jesus, sua cruz ou seu sofrimento, como se vê nesse outro exemplo citado por Cabaniss (1985, p. 199):

Ave Iesu, animas que convertis
Dedue me in institude semitis
Et educ de medio *umbrae mortis*
Sisque mihi *baculus* inventutis

Salve Jesus, tu restauras almas
Guia-me nas veredas da justiça
e retira-me do meio da sombra da morte
e seja para mim um cajado de juventude

Eles, no entanto, eram propostos para o uso não litúrgico. E parecem não ter conquistado grande espaço na devoção particular, uma vez que, nas línguas vernáculas, os saltérios continuavam em prosa (Cabaniss, 1985, p. 199-200).

Santos (2006, p. 2) observa que, antes da Reforma, somente a Igreja poderia produzir música. Raynor (1972, p. 26-27) descreve as razões teológicas desse contexto:

O canto da Igreja católica devia ser a voz da Igreja, e não a de algum crente individual: a recitação de rezas, lições, epístolas e evangelhos, com suas fórmulas de entonação para assinalar a pontuação, como os cantos de salmos ou a austera alternância da participação da congregação na Missa, tinham por fim dar objetividade às palavras que podiam muito facilmente cair no sentimento pessoal subjetivo. [...] A música devia ser a voz de uma Igreja universal.

Por isso, o povo podia ouvir a música sacra, mas não podia participar dos cânticos (SANTOS, 2006). Com isso, o cântico desses salmos metrificados se restringiu ao uso popular piedoso e não fez parte da tradição litúrgica cristã.

No período que antecedeu a Reforma, a liturgia católico-romana estava completamente voltada para o cântico clerical, todo em latim e apenas destinado a causar impressão naquele que assistia à missa sem oferecer-lhe qualquer ensino ou orientação.

Os salmos eram usados apenas acidentalmente em pequenas citações que permaneceram por tradição dentro do cerimonial latino. Nenhum daqueles aspectos devocionais e instrutivos vistos no primeiro período da Igreja cristã permaneceu, de forma que essa prática foi esvaziada de todo o seu valor simbólico e nenhum traço estético podia ser visto nele.

Por tudo isso, ainda que não fosse algo inédito, o cântico congregacional de salmos proposto pelos reformadores pode ser entendido como algo revolucionário dentro do contexto de sua época.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O impacto e a importância do cântico de salmos na prática litúrgica da Igreja cristã assumem graus diferentes no decurso da história e ainda estão envoltos em muitos questionamentos. O senso comum sobre as origens dessa prática na Igreja tem sido amplamente debatido e carece de uma revisão que leve em consideração as informações históricas hoje disponíveis. Com esse intuito, o presente artigo buscou apontar uma alternativa para essa origem no contexto das refeições familiares, trazendo à luz evidências tanto da ausência dessa prática no contexto da sinagoga como menções à sua recomendação nas refeições comunitárias da igreja.

A partir dessa proposta, buscou-se indicar que o valor primordial dado aos cânticos de salmos não está no contexto litúrgico, mas no contexto cotidiano, como um instrumento de formação e moldagem dos valores cristãos. Tal utilização se fazia, predominantemente, pelo cântico dos salmos do modo como estavam traduzidos na *Bíblia*, sendo evitado o uso da metrificação e da cristianização como é o padrão utilizado em nossos dias.

THE SINGING OF PSALMS IN THE CHRISTIAN CHURCH UNTIL THE REFORMATION

ABSTRACT

At various periods in the history of the Christian Church, the singing of psalms played a leading role in the life and liturgy. This article attempts, from his Jewish origin, identify the paths that led to the insertion of the singing of psalms in the Christian liturgy, as well as from the description of how it was practiced by Christians before the Reformation, the reasons that motivated and were involved in such practice. The starting point is the use of the book of Psalms in worship of Judah. Hypotheses will be discussed later on how this usage has passed into the Christian church, considering the household song as the most likely means of transfer. Finally, there will be a brief description of the key moments of the practice of singing psalms in the history of Christian liturgy until the Reformation.

KEYWORDS

Psalms; Psalmody; Christian Church; Liturgy; History.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO (Sto.). *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1997.

BATE, P. Psalm. In: SADIE, S. *The new grove dictionary of music and musicians*. Londres: Macmillian Publishers Limited, 1980. v. 15, p. 320-337.

BETTENSON, H. *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo: Aste/Simpósio, 1967.

CABANISS, A. The background of metrical psalmody. *Calvin Theological Journal*, v. 20, n. 2, p. 191-206, 1985.

CALVINO, J. *The necessity of reforming the church*. Dallas: The Protestant Heritage Press, 1995.

_____. *O livro dos Salmos*. São Paulo: Edições Paracleto, 1999. v. 1.

COSTA, H. M. P. *João Calvino 500 anos*. introdução ao seu pensamento e obra. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

HILL, A. E.; WALTON, J. H. *Panorama do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Acadêmica, 2006.

MARRA, C. A. B. (Ed.). *Confissão de Fé de Westminster*. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1997.

MCKINNON, J. K. The question of psalmody in the Ancient Synagogue. *Early Music History - Studies in the medieval e early modern music*, n. 6, p. 159-191, 1986.

_____. The fourt-century origin of the gradual. *Early Music History - Studies in the Medieval and Early Modern Music*, n. 7, p. 91-106. 1987.

RAYNOR, H. *História social da música*: da Idade Média a Beethoven. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

SANTOS, G. Do salmo 5 ao “Atos 2” – Uma panorâmica sobre salmos e hinos na música evangélica no Brasil. *Ex Corde*. 2006. Disponível em: <http://www.gilsonsantos.com.br/pdfs/salmos_e_hinos_musica_evangelica_brasileira.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2008.

SCHAFF, P. *History of the Christian Church*. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 2002. v. III: Nicene and Post-Nicene Christianity. A. D. 311-600. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/hcc3.html>>. Acesso em: 6 maio 2010.

SMITH, J. A. The ancient synagogue, the early church and singing. *Music & Letters*, v. 65, n. 1, p. 1-16, Jan. 1984.

STAPERT, C. R. Singing psalms from bible times to the Protestant Reformation. In: BRINK, E.; POLMAN, R. *Psalter hymnal handbook*. Grand Rapids: CRC Publications, 1998. p. 14-27.

WALTKE, B. Superscripts, postscripts, or both. *Journal of Biblical Literature*, v. 110, n. 4, p. 583-596, Winter 1991.

WITVLIET, J. D. *The biblical psalms in christian worship*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing, 2007.